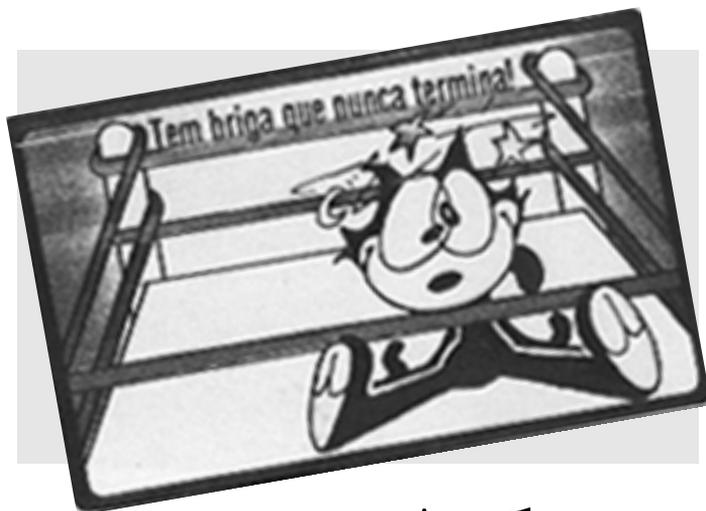


Ano II - Nº 4
Agosto/94

**O
B
e
r
r
a
n
t
e**

*(Edição fechada
enquanto a raposa
foi tomar conta do
galinheiro)*

EXCLUSIVO
O MAR VIRA SERTÃO



**A luta
continua!**

ESPECIAL

O guia do maratonista

Cartas

A BRONCA DO ANO - Venho por meio desta expressar a minha insatisfação diante dessa “redação” e também d’A Associação de Estudos Euclidianos”. (...) Recebi o exemplar de *O Berrante* referente ao mês Jan./Fev. 94, no qual constava uma ficha de inscrição. Acreditando na validade da mesma, enviei duas fotos e o pedido dos cânticos e camiseta. Não obtive resposta, preço da camiseta, qualquer justificativa ou devolução das fotos enviadas.

Como posso acreditar numa associação que faz isso, sendo a mesma que redige em seus textos pedidos e elaborações de projetos para uma melhor Semana Euclidianas? Quando se quer mudar o mundo precisa-se ter em si mesmo condições de mudar.

Vocês podem até ler esta carta e ignorá-la, mas eu lhes digo que quando eu recebi *O Berrante* fiquei muito alegre por ter informações dos colegas distantes, e fiquei imaginando todos em São José do Rio Pardo gritando “Volta Euclides!”, despidos do eu e vestidos com a camiseta tão

sonhada da Associação. Mas que pena que tudo não passou de um sonho.

Cilene Xavier Silva (Jundiá) - **Nota: ver coluna do Proudhon, o ombudsman, pág. 3, e Notícias das Cavernas, pág. 12).**

RECUERDACIONES - Foi com imenso prazer que recebi em minha casa um exemplar de *O Berrante* e, através dele, recordei alguns momentos da Semana Euclidianas da qual participei em 1990.

Cláudia Lopes de Paula (São Paulo, from Franca)

EDIÇÃO INTERNACIONAL - Mande *O Berrante* para o Fernando (Kubitza, from Jundiá) em Auburn (Texas, onde mora atualmente) e ele gostou muito.

Débora Gonçalves (São Carlos)

UM JORNAL VIBRANTE - Aos prezados maratonistas de *O Berrante* muito agradeço a remessa do exemplar que me mandaram. Gostei muito: é noticioso, rico em senso de humor e de um euclidianismo vibrante, moderno.

Oswaldo Galotti (São Paulo)

MARATONISTAS UNIDOS - Acabo de receber um exemplar da

terceira edição d’*O Berrante*. Achei o máximo. Os maratonistas devem continuar sempre unidos, pois o espírito euclidiano consiste em agregar em torno de si mentalidades variadas, porém com um só objetivo: a conscientização acerca dos problemas sociais do país e a atuação dinâmica, participativa na resolução destes.

Queria dizer que concordo em gênero, número e grau com todas as palavras do Editorial. E quanto ao artigo “Encontro de paralelos”, talvez seja a mais lúcida exposição dos novos ideais desta nova fase da SE. “Ou progredimos ou desaparecemos”, Euclides disse à sociedade brasileira, mas poderia tê-lo dito aos maratonistas num grito de ânimo nessa difícil tarefa de edificar novas idéias na SE, mesmo lutando contra o conservadorismo de alguns.
Paulo Herculano (São José do Rio Pardo)

P.S.: Por motivos de espaço as cartas foram editadas

Datas

A seguir, os aniversariantes de agosto, setembro e outubro.
Agosto: dia 7, Fábila Mara (Tambaú); dia 22, Flávia Augusta (Franca); dia 25, Elizabeth de Souza (Sta. Cruz das Palmeiras); dia 29, Júlio César, o Menudo (Santos); dia 31, Ramón Moreira (Caconde). **Setembro:** dia 8,

Abílio Manoel (S.J. da Boa Vista); dia 9, Solange (Pederneiras); dia 20, Joselita (Cantagalo); dia 22, Élon (Franca); dia 26, André, o presidente (São Paulo); dia 28, Alex Vieitas (Cantagalo). **Outubro:** dia 5, Irene (São Paulo); dia 10, Andréa Semensato (Guaxupé); dia 11, Bete (São

Paulo) e Simone (Franca); dia 13, Mário, o secretário-geral (Botucatu); dia 15, Laís (São Paulo); dia 16, Raquel, a secretária-adjunta, e Raquel Garcia (ambas de Sanzé); dia 25, Guilherme (também de Sanzé).

Se você ficou de fora, escreva e cadastre o seu aniversário.

EDITORIAL

Prorrogação!

Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este editorial, remorada que foi sua publicação, não perdeu, infelizmente, a sua fatídica atualidade. E, assim, mais uma Semana Euclidiana começará dentro em breve sem que velhos problemas tenham encontrado suas novas soluções...

Muitas negociações foram levadas a cabo no decorrer dos doze meses que passaram por baixo da ponte euclidiana desde agosto do ano passado, e muitas intenções, muitas reuniões, muitos impulsos depois nada foi efetivamente celebrado para tornar a nossa Semana mais impulsiva, mais científica, mais útil. Não cremos em culpados, mesmo porque aventar culpas a essa altura dos acontecimentos é como conspirar para o naufrágio de um navio em que estamos todos: pura tolice!

Mas, mesmo assim, algumas considerações merecem (que ousadia!) ser tecidas com relação à organização da Semana Euclidiana de 1994: a programação foi feita nos extertores do prazo (como conseguir a participação de convidados renomados - e de agenda cheia! - dessa maneira?); os palestrantes ficaram restritos, até como consequência da observação anterior, aos mesmos nomes que vêm literalmente carregando o euclidianismo nas costas há décadas (Como conseguir renovar? Novas idéias criam um movimento e a cultura deve ser sempre dinâmica!); a forma mudou pouquíssimo (palestras, exposições, blá blá blá, blá blá blá, blá blá blá!).

Citando um velho amigo: "deveria ser a morada da cultura, mas a cultura não se sente lá muito à vontade." É exatamente essa proverbial frase que consegue resumir o sentimento de vazio que a Semana Euclidiana tem deixado em nossas retinas, mas acreditamos que, como a Seleção, aos trancos e barrancos, de zeros em zeros, venceremos. Nem que seja (valha-me Deus!) nos pênaltis!

André L.L. Daibes
Presidente d'A AEE

"Venceremos nem que seja nos pênaltis"

Proudhon, *o ombudsman*

Nsta edição estréia Proudhon, o ombudsman, defensor do euclidianismo, do maratonista e do leitor d'O Berrante.

Ao ler a carta da Cilene (V. Cartas), Proudhon sentiu ali o sintoma de um grande problema: o imobilismo, não só d'A AEE, mas dos maratonistas em geral. Justa foi a bronca da colega lá de Jundiáí. A Associação não funciona a contento. Nada justifica as falhas, mas também é lícito apontar o porquê dessas deficiências.

Infelizmente, pouquíssimos maratonistas trabalham no funcionamento, ainda que precário, d'A AEE, que não possui recursos próprios (eis o grande problema). Tudo é feito com equipamentos de terceiros e dinheiro do próprio bolso dos diretores. Uma edição d'O Berrante custa em torno de R\$ 100,00. Se nosso jornal não é mais freqüente e melhor é porque nem sempre há tempo e dinheiro disponível para tanto. Mesmo assim, heroicamente eu diria, A Associação caminha com seus ideais.

Todos desejam a união dos maratonistas, mas também é necessário colaborar de forma prática com esse objetivo. No caso deste jornal, é preciso mais pessoas que cooperem com material e recursos financeiros. Cresceríamos muito, sem dúvida. Quem se habilita?

Sanzé emudece, A AEE se cala

"O que pode fazer o homem senão rir", diria Euclides

S

E

*

9

4

O ano de 94 trazia a esperança de que progressos ocorreriam na Semana Euclidiana. Logo após o fim da SE do ano passado A AEE começou a negociar com a administração municipal de Sanzé a sua participação no planejamento e execução do evento. A Associação elaborou um projeto (publicado na íntegra n' *O Berrante* n° 3) e o entregou em Rio Pardo em reunião realizada no dia 26 de fevereiro. Nessa ocasião a diretoria d' A AEE deveria ser recebida por Lúcia Vito, diretora municipal de cultura, mas ela não compareceu e fomos atendidos por seu assessor, Ângelo Missura Neto, que ficou de lhe passar todas as informações. Lúcia se comprometeu em dar um retorno à nossa proposta o quanto antes, para que os prováveis palestrantes fossem convidados.

Nessa reunião se trocaram opiniões sobre como deveria ser uma SE. O clima era de otimismo, pois observávamos haver, então, um desejo razoavelmente firme da prefeitura de Rio Pardo em nos ter como colaboradores na organização da Semana. Havia, também, convergência de idéias entre as partes. O plano da administração riopardense era criar um maior envolvimento da comunidade nos festejos euclidianos, trazendo a obra de Euclides (e todas as suas repercussões) para perto de nossa realidade atual. A Semana

Euclidiana cresceria e transcenderia suas fronteiras. Perfeito, era esse o espírito de nosso projeto.

Mas daí em diante, não se sabe o porquê, a coisa desandou, com um festival de falhas de comunicação entre Sanzé e A AEE. A Casa Euclidiana quis marcar outra reunião conosco. Tentamos por inúmeras vezes acertar uma data por telefone, mas nem o diretor da CE, Álvaro Ribeiro Neto, nem Lúcia Vito foram localizados. Lúcia também não deu a resposta ao projeto, e o tempo passou. Em meados de junho A AEE foi procurada por Marco Aurélio Mendonça, presidente do Decet (Departamento de Cultura, Esportes e Turismo). Ele queria discutir nossa participação na SE/94. André, o nosso presidente, foi a Sanzé e descobriu que Marco Aurélio nem tomara conhecimento da proposta entregue havia mais de três meses. Tentou-se, ainda mais uma vez, marcar nova reunião; esperamos a confirmação da data e ela não veio. E ficou o dito pelo não dito (ou o contrário?).

O fato é que A AEE considerou que não havia mais tempo hábil para se organizar algo decente, e decidiu não se comprometer com esta Semana Euclidiana.

**"What shall
do a man but to
merry..."**

EUCLIDES RETURNS*Ciclo de Estudos não muda*

As palestras continuam as mesmas. Casa Euclidiana quer A Associação à margem da história. Mas o maratonista é antes de tudo um forte, e resiste

A expectativa d'A AEE para 94 é a de que não ocorrerão transformações profundas na Semana Euclidiana, particularmente no Ciclo de Estudos. É certo que o evento foi direcionado para aumentar de tamanho. Este ano deverão participar cerca de 150 maratonistas, sem incluir a Área III, que consistirá de mini-cursos voltados para o público universitário. Está sendo grande também a preocupação da Casa Euclidiana em dar melhor infraestrutura à SE (alimentação, alojamento, recepção, premiação - este ano serão distribuídos US\$ 1.000,00 aos vencedores - etc). Por outro lado, não abriram mão da filosofia usual em relação às

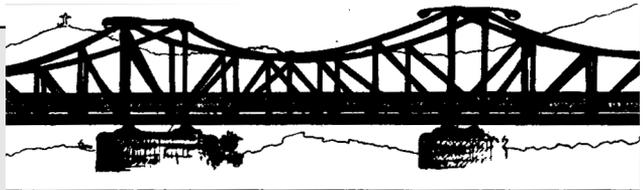
palestras e semelhantes. Analisando-se o temário já definido, se vê que a discussão da obra euclidiana deve continuar fechada com um fim em si mesma. A AEE defende um euclidianismo que ultrapasse essas fronteiras (que mais parecem barreiras), se transformando em ponto de partida para a reflexão das grandes questões nacionais, sincronizando os debates com coisas que soem próximas do nosso cotidiano.

As propostas de mudança apresentadas pel'A AEE não foram consideradas. Adelino Brandão, professor efetivo do Ciclo, e Álvaro Ribeiro, diretor da Casa Euclidiana, são totalmente contra nossa participação. Brandão apelou para um "ou eles ou eu". Ribeiro acabou ganhando a parada, beneficiado pela crise de comunicação que assolou as relações entre a administração riopardense e A Associação (V. pág. 4). Curiosamente, a Casa Euclidiana adotou uma das idéias contidas no texto de nosso projeto: enviar, para as escolas participantes, apostilas com informações básicas do euclidianismo, para que os alunos não mais cheguem "verdes" a São José. Menos mau.

No mais, não deveremos ter refresco. Existe a possibilidade até da CE restringir o acesso às palestras somente aos maratonistas inscritos, barrando a presença de ex-maratonistas, principalmente os diretores d'A AEE (apesar da SE ser um evento público e financiado com dinheiro público). Numa outra medida autoritária (esta sim, já tomada), a Casa Euclidiana excluiu da SE/94 os colégios de alunos que em 93 optaram por assistir o seminário "paralelo" por nós promovido. Apesar de tudo, vários ex-maratonistas já confirmaram presença em Sanzé. Quem estiver com vontade de ir à SE não deve ter medo de cara feia, porque todo ano é assim e sempre estamos lá. Nesta edição você encontra o **Guia do Maratonista** (V. pág. 11), com todas as informações necessárias de sobrevivência e primeiros-socorros ao maratonista fudega. Não perca!

A AEE estará presente a partir do dia 8, à noite, ou dia 9, à tarde, através de seu diretor Marcelo, também editor d'O Berrante. Os maratonistas que necessitarem de alguma informação poderão procurá-lo no Hotel Brasil, onde ficará hospedado.

83ª Semana Euclidiana
9 a 15 de agosto de
1994
São José do Rio Pardo



HISTÓRIA

'Ou progredimos
ou desaparecemos'

*Há oito anos que A Associação luta contra
muitos chapéus e poucas cabeças*

Na metade da década de 80 transbordou a insatisfação dos maratonistas com os rumos da Semana Euclidiana. O calor humano e o sentimento de amizade que sempre uniu os maratonistas, que contagiava a todos - daí o "vírus euclidiano" -, e que fazia (e ainda faz) com que muitos voltem a Sanzé ano após ano, esse clima passava por um auge, uma época de ouro, em que surgiram maratonistas (já) históricos como Rildo, Nirtão, Elvis, Mário, André, Marcelo, "tia" Raquel, Marcão, Humberto e tantos outros. Mas por outro lado essa turma via os tempos passarem e a Semana Euclidiana

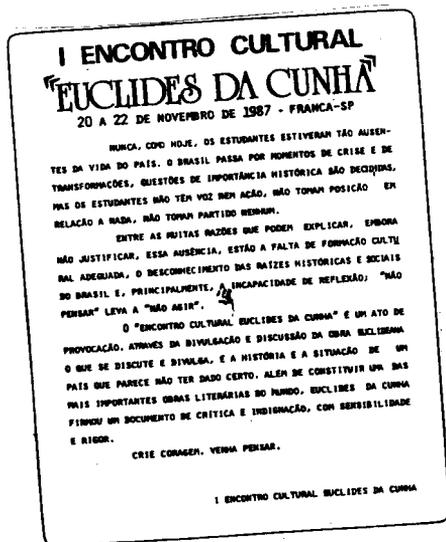
se esgotar em si mesma. Quantas vezes não se assistiu à mesma palestra, e sem um único dado novo? E quantos maratonistas não se perderam no desânimo de aulas que soavam distantes, vítimas de preciosismos literários biobibliográficos?

Erguia-se a bandeira da renovação. Os maratonistas, se podiam criar um sentimento de união tão contagiante durante a Semana Euclidiana, porque não poderiam também se unir para tentar melhorá-la? Assim surgiu a idéia da Associação dos Ex-Maratonistas, em 1986, embrão da atual A Associação de Estudos Euclidianos.

Começou também a história do confronto com aqueles que entendiam(em) que tudo estava bem na SE, e que nada havia para mudar, posição que ficou personificada na figura do professor Antônio Adelino Brandão. Mas os maratonistas contra-atacaram, com um discurso do hoje jornalista Elvis Bonassa, um dos fundadores d'A Associação. No encerramento da SE/86 Elvis pregou abertamente as mudanças, citando a frase de Euclides que marcou aquele ano: "Ou progredimos ou desaparecemos".

Apesar da contrariedade de alguns, os maratonistas conquistaram algum espaço. Para 1987 colaboramos com dois eventos preparatórios à SE, as "Semaninhas" de Franca (V. ilustração) e Lorena. A preocupação já era, além de difundir o euclidianismo, fazer com que o aluno chegasse a Rio Pardo dispo do das informações básicas. A partir daí se poderia pensar no aprofundamento dos debates do Ciclo de Estudos da Maratona Euclidiana. Ainda com esse objetivo foi criada a Área II, então coordenada pelo próprio Elvis, e aberta a universitários e ex-maratonistas. A iniciativa foi avaliada como positiva pelos participantes e, não por acaso, a SE/87 é considerada a melhor de todos os tempos. Mesmo assim muito havia para se melhorar, principalmente na infra-estrutura, muito criticada pelos maratonistas. Af a Casa Euclidiana tomou a contra-mão e extinguiu a Área II com o formato que tinha. As Semaninhas de 88 também foram canceladas.

Os maratonistas não se conformaram com o retrocesso e, mesmo sem o espaço oficial, não esvaziaram a sua luta.





***O Conselheiro,
símbolo da luta
dos sertanejos,
acabou virando
o logotipo d'A
AEE***

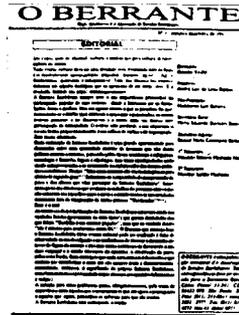
novos nomes que pudessem manter o movimento. O fato é que, ainda hoje, A Associação é levada pelos mesmos que há oito anos a fundaram (e muitos são mais antigos no euclidianismo do que a entidade. Elvis é da SE/81, André de 83, Mário de 84 - este ano comemorando "dez anos de carreira" -, Humberto é de 85, Marcelo de 86).

Após a SE/92, A AEE decidiu voltar à carga. Lançou *O Berrante* em outubro daquele ano e conseguiu realizar um seminário durante a SE/93, mesmo sem o apoio da Casa Euclidiana, que considerou essa uma tentativa de esvaziar o evento oficial. A AEE entrou em negociações para atuar

na SE/94 (V. págs. 4 e 5), mas não foi feliz ainda dessa vez. Às vésperas de mais uma Semana Euclidiana começam a ser programados os próximos capítulos do "confronto". A

Associação lá estará, e os velhos maratonistas de guerra também. Quem irá rir por último? Esperamos que todos, sem vencidos e vencedores, por um euclidianismo melhor. Puxemos o fli.

A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS EUCLIDIANOS



Compareceram, oficialmente, na SE/88 e questionaram, inclusive durante as palestras, aqueles que se sentiam donos do euclidianismo, ficando famoso o episódio em que Adelino Brandão ameaçou se retirar da sala porque Elvis discordava de suas idéias e lhe fazia muitas perguntas.

O período que se seguiu foi mais negro. Em 1989, sob uma nova administração municipal, a Semana Euclidiana ocorreu somente no

â m b i t o estritamente regional, e só voltou ao antigo padrão aos poucos. Em 90 e 92 a presença de maratonistas foi razoável. Em 91 não contou com mais de meia dúzia de gatos pingados. A desmobilização causada por esse período foi inevitável e A AEE se ressentiu muito disso, pois durante quatro anos quase não surgiram

PESQUISA

Euclides: escritor ou jornalista?

Tese contraria muitos euclidianos e afirma: o jornalismo foi a grande profissão de Euclides

É comum que a obra de Euclides da Cunha seja analisada a partir do seu trabalho como escritor, historiador, geógrafo, engenheiro etc. Pouco se fala, entretanto, a partir daquela que talvez tenha sido a grande profissão da vida de Euclides: o jornalismo. *Euclides jornalista* é o título da tese de doutorado de Carlos Marcos Avighi, professor de jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP. Na tese, Avighi mostra que, ao contrário do dito por muitos euclidianos, o jornalismo não foi um simples atalho na carreira do escritor. Ao contrário, a obra de Euclides é que derivou de seu trabalho como jornalista.

Várias vezes Euclides considerou a engenharia apenas um meio estável de sobrevivência, e em algumas cartas endereçadas aos amigos (reunidas depois na obra de Francisco Venâncio Filho) ele manifestou a sua preferência pela atividade jornalística. Ocorre que, naquela época, não era possível alguém sobreviver do jornalismo, o que prendia Euclides à “agitação estéril” de sua necessária vida de engenheiro.

Mas Euclides foi um jornalista que exerceu essa profissão com plena consciência dela e dentro de critérios hoje considerados

modernos. Ele se preocupava com o ritmo jornalístico, a linguagem adequada, a precisão das palavras, a atualidade dos fatos e as especificidades de seus leitores. Euclides observava, pesquisava, entrevistava, checava fontes, procurava sempre um ângulo novo, indo muito além das versões oficiais dos fatos. Recriava, com

***"Euclides era
consciente da sua
atividade
jornalística"***

extrema precisão, cenários e ambientes, dava vida e traços de humanismo a seus personagens, elementos esses todos presentes na reportagem moderna.

Euclides estreou no jornalismo aos 18 anos, no jornal *O Democrata*, uma publicação de estudantes. Após ser expulso da Escola Militar, por causa do famoso episódio de insubordinação ao Ministro da Guerra do Império, ele foi recebido como herói na redação de *A Província de S. Paulo* (atual *Estadão*). Aí estreou na grande imprensa como articulista. Apesar de seu trabalho mais famoso ser fruto da reportagem (*Os Sertões*), foi no gênero opinativo do artigo que Euclides escreveu a maior parte de sua obra, sempre se dedicando à

interpretação das grandes questões nacionais. O autor se destacava também no jornalismo científico, procurando passar ao leitor comum, através de linguagem acessível, as últimas novidades das ciências.

Mas o grande tema de Euclides era a discussão da nacionalidade, da raça, do povo brasileiro, numa época difícil em que os conceitos a respeito eram muito dúbios. Euclides transitou por diversas vertentes de pensamento. Provou do positivismo, passou pelo darwinismo social, pelo evolucionismo spenceriano, pela antropogeografia, e até por algumas idéias socialistas, sem nunca, contudo, se prender definitivamente à qualquer teoria. Euclides, como bom jornalista, buscava o pluralismo científico, e mudava a sua opinião sempre que novos fatos o exigiam. É dentro dessa perspectiva que se encaixa a obra euclidiana, como notou o próprio autor numa carta à Araripe Júnior: “O meu esboço fez-se desenho. No apagado das linhas vacilantes que tracei, e propositalmente eu tracei de leve para facilitar a correção...”

*Marcelo Lopes
Editor ih-responsável
d'O Berrante*

CINEMA

Os

7

Sacramentos de Canudos

Um filme com referências, cenas e textos fortes. Canudos e seus sacramentos, eis a realidade do Brasil

Os *Sete Sacramentos de Canudos* é um grande filme nacional estrangeiro. Sim, porque, apesar dos atores e diretores serem todos brasileiros, a produção é alemã, francesa e portuguesa. O produtor alemão Uli Mueller esteve no Brasil no mês de abril e exibiu o copião do filme no Rio e em São Paulo. A AEE esteve presente.

Os Sete Sacramentos é um filme forte, denso. São sete episódios independentes, dirigidos por sete distintos cineastas. No copião, algumas histórias estavam em forma mais acabada, outras nem tanto. Mesmo assim foi aplaudido de pé.

Os episódios não são exatamente sobre Canudos, mas inspirados naquela cidade. Num deles (*O Batismo*) o cenário é a Canudos atual, às margens do açude de Cocorobó. E, surpresa: o seu nível está dez metros abaixo do normal! Em alguns pontos o “solo sagrado” da velha cidade veio à tona, o que pode revelar muitos segredos.

Cumpra-se, assim, a segunda parte da profecia de Antonio Conselheiro: “o mar vai virar sertão”. *O Batismo* mostra que “a luta” do sertanejo pela sobrevivência e pela terra continua a mesma. “Nós vamos morrer na bala, mas não vamos morrer de fome”, diz um deles. “Quem tiver medo de morrer que se enterre vivo”, diz outro. “Como que Deus pode dizer que todos têm que ser felizes? Nessa hora é que eu fico com o diabo”, diz um terceiro.

O episódio mais aplaudido (e marcante) foi o da cineasta Sandra Werneck (*A comunhão*). Sandra filmou numa favela do Rio, num barracão de escola de samba, fazendo uma analogia da união daquela comunidade com a união do povo de Canudos. No filme, a favela prepara para o Carnaval um enredo em homenagem a “um tal de Conselheiro que um dia defendeu o povo oprimido”. Os jagunços de hoje são traficantes. No fim a polícia invade o morro, destrói o barracão e acaba com um

A AEE exhibe o filme na SE/95

Os Sete Sacramentos de Canudos custou US\$ 330 mil e foi produzido em sociedade com TVs da Alemanha e da França, onde estreará primeiro. O filme se encontra em fase final de montagem e só deve chegar ao Brasil no começo do ano que vem. A AEE já entrou em contato com o Instituto Goethe, que organizou a mostra do copião em São Paulo, e praticamente contratou o direito de exibir o filme em São José durante a Semana Euclidiana de 1995.

sonho coletivo. Não se trata de uma defesa dos criminosos que dominam as favelas. Simplesmente se faz um retrato da atualidade. E *Os Sete Sacramentos de Canudos* é um filme que nos faz refletir seriamente sobre ela.

Marcelo Lopes

O texto vencedor de 93

O riopardense Fausto Salvadori Filho levou a nota dez e o título. A seguir, na íntegra, uma das suas duas redações premiadas

Canudos na visão euclidiana e na dos historiadores atuais

(O caráter revolucionário da rebelião sertaneja)

Em 1897, com a derrota da expedição Moreira César, a opinião pública tomou conhecimento da rebelião de Canudos, que foi identificada inicialmente como um movimento para restaurar a monarquia. Agindo como “mercenários inconscientes”, a população do litoral (que jamais tomara conhecimento da existência dos habitantes do interior) exigiu o pronto extermínio dos “monarquistas”. Essa foi a primeira visão que se teve a respeito de Canudos, da qual o próprio Euclides a princípio compartilhava.

A opinião de Euclides mudou depois de ter visto de perto a real situação dos canudenses. Concluiu que se tratava de um movimento messiânico causado pelas péssimas condições de seca (sic), miséria e ignorância em que viviam os sertanejos, aliadas ao problema da mestiçagem. Em “Os Sertões”, revelou que a campanha fora um crime praticado contra uma população atrasada três séculos em relação ao litoral, e que, na verdade, nada sabia sobre formas de governo, e apenas identificava a República como o governo do Anti-Cristo. Euclides acreditava que Canudos era um problema, porém um problema a ser eliminado não pela força, mas pela educação.

Passados noventa anos da publicação de “Os Sertões” surgiram outras visões sobre Canudos. Os historiadores atuais tendem a interpretar Canudos como um espaço social incômodo, que foi destruído, não pela incapacidade do governo em reconhecer a real natureza da rebelião, mas porque

prejudicava os interesses dos coronéis da região que viam a imensa mão-de-obra de que dispunham diminuir, atraída pelo carisma do Conselheiro. Outras vão mais longe, acreditando que, ao destruir Canudos, a classe dominante pretendia eliminar um projeto civilizatório diferente, que poderia ser um exemplo muito perigoso. Para estes historiadores Canudos atraía a população não só pelas promessas de uma vida melhor, mas pela realidade de um local onde a propriedade da terra era comum, todos tinham onde trabalhar e não passavam fome. Alguns chegam a afirmar que seria uma sociedade igualitária, idéia que já foi desmentida por vários indícios que temos por escusado apontar. Há ainda, quem afirme ser Canudos um exemplo de luta de classes. Essa interpretação marxista tende a distorcer a realidade canudense para adaptá-la aos conceitos socialistas.

É possível que a rebelião sertaneja tivesse, ainda que inconscientemente, um certo caráter revolucionário, que prejudicasse os interesses da Igreja e dos coronéis. Canudos conseguiu muitos avanços (como, por exemplo, a alfabetização de adultos), de modo que teve de ser destruída, os prisioneiros delegados (sic) e seus escombros submersos sob (sic) as águas.

Tudo isso, porém, é muito problemático já que, como disse Renato Ferraz, cerca de apenas 10% dos milhares de documentos sobre Canudos foram examinados. Muitas informações ainda estão por ser retiradas sob (sic) as águas do esquecimento.

GUIA DO MARATONISTA

A seguir *O Berrante* reúne algumas informações úteis para o maratonista que deseja voltar a Sanzé para reviver a magia, bem como para aquele que lá estará pela primeira vez para ser batizado e inoculado com o “vírus euclidiano”.

1. O maratonista não deve se esquecer de ir bem agasalhado. Os dias em Sanzé são quentes, mas as noites são bastante frias. Acrescente-se que a meteorologia prevê um inverno mais rigoroso neste ano. Muitas blusas e cobertores serão necessários, principalmente na escalada do Cristo Redentor. É tradição na SE os maratonistas subirem ao Cristo de Sanzé de madrugada para ver o nascer do sol (um dos espetáculos mais belos que a cidade pode

oferecer). O frio lá em cima é intenso. É imprescindível estar preparado.

2. Quem tiver instrumentos musicais deve levá-los, para que possamos tocá-los e cantar pelas ruas, praças e bares de Rio Pardo. A propósito, se alguém tiver um berrante, leve-o também.

3. Quem tiver baralho não deve esquecê-lo em casa. O truco é o jogo oficial dos maratonistas. Marreco!

4. Os maratonistas costumam dizer que a vida tem duas partes bem distintas: antes e depois da SE. Se você é calouro, prepare-se. Esqueça tudo o que já viu. Você jamais será o mesmo...

5. Por último, se você é calouro, e um veterano lhe perguntar quantos parafusos tem a ponte do Euclides,

responda que são cinco mil.

PREÇOS, ENDEREÇOS E TELEFONES ÚTEIS

I. *A camiseta* d’A AEE estará sendo negociada a **R\$ 8,00**.

II. Atenção para o preço das *passagens rodoviárias* para Sanzé: partindo de *São Paulo*, entre **R\$ 6,60** e **R\$ 9,20**. De *Campinas*, **R\$ 6,10**. De *Ribeirão*, **R\$ 7,30**.

III. O *Hotel Brasil* é o hotel oficial d’A AEE e dos maratonistas. A *diária* custa entre **R\$ 4,00** e **R\$ 7,30**. Possui restaurante próprio, com sistema de *self-service por kilo* (**100 gramas = R\$ 0,50**). Rua Ananias Barbosa, 97. Tel.: (0196) 61-2419.

IV. Endereço da *Casa Euclidiana*: Rua Marechal Floriano, 105. Tel.: (0196) 61-2232.

Aos marinheiros de primeira viagem

(e também àqueles que vivem no alto-mar)

"Sanzé" do Rio Pardo (45 mil habitantes em 1986) fica no leste do estado de São Paulo, a 256 km da capital, 155 km de Campinas e 125 km de Ribeirão. A região é montanhosa (altitude de 676 metros), a cidade fica na encosta da Mantiqueira. De clima tropical de altitude, o inverno é frio, gostoso e seco. A economia é diversificada: cultiva-se, principalmente, café e cebola. O gado leiteiro é outro ponto forte. Na indústria, se destaca a Nestlé, que na SE solta a Galinha Azul em desfile na

praça (cocoricó, e os de Cantagalo sofrem com as piadas).

O Rio Pardo, afluente do Grande, corta a cidade e empresta-lhe o nome. Unindo o centro aos bairros próximos do Cristo temos a Ponte Euclides da Cunha, que ele construiu entre 1898 e 1901. Junto a ela está a Herma, conjunto que inclui também a cabana onde Euclides escreveu *Os Sertões* e o túmulo para onde o ele foi trasladado do Rio em 82. Ali os maratonistas gostam de se reunir e chamar por Euclides. Próxima dali está a ilha

fluvial de São Pedro, onde temos um zoológico e muitas pedras à margem do Pardo, onde os maratonistas se sentem muito bem tocando e cantando.

Na História Sanzé teve momentos de glória. Acolheu Euclides na gestação de seu grande livro (grande mesmo, quinhentas e poucas páginas, você já o leu?), e proclamou a República ainda antes de Deodoro, em 11 de agosto de 1889. A revolução durou poucos dias, mas Sanzé ficou conhecida como Cidade Livre do Rio Pardo.

Notícias das Cavernas

Entre março e julho A AEE recebeu a adesão de cinco novos sócios: Cilene Xavier Silva (Jundiá), Adriana Rios Fernandes (Guaxupé), Cláudia Lopes de Paula (São Paulo, from Franca), Alex Vieitas (Cantagalo) e Giovana Patrícia Gentile (Várzea Paulista). Bem-vindos ao reino dos céus! Ah, e as carteirinhas já estão a caminho.

O Berrante faz sucesso no colégio Miguel de Cervantes, em São Paulo. O pessoal de lá tirou cópias do jornal para distribuir

pelos murais da escola.

Aviso aos navegantes: a camiseta d'A Associação não é de graça. Após receber um número razoável de pedidos, A AEE fez um orçamento e fixou o preço dela em **R\$ 8,00 mais despesas de envio**. Quem fizer o pedido daqui para frente deve já mandá-lo junto com o dinheiro para a **Central de Informações d'A AEE** (endereço no expediente).

Um problema de editoração eletrônica emperrou a edição de *Cânticos Euclidianos*. Já está sendo tudo resolvido e os primeiros exemplares serão distribuídos na SE/94.

Atenção maratonistas de 93: aqueles que não se filiarem À AEE

até 31/8 perderão o direito de receber as edições vindouras d'*O Berrante*. Envie o quanto antes o seu pedido de filiação para a **Central de Informações d'A AEE**.

O euclidianismo corre o mundo. Os radioamadores riopardenses estão divulgando a Euclides e sua obra por todos os hemisférios. O retorno tem sido na forma de cartões postais internacionais, felicitando Sanzé pelos festejos euclidianos nos mais diversos idiomas. Os cartões estarão expostos durante a SE.

Colaborou Luciana Martinez Ceccato, de São Paulo, e João Batista Destro Filho, de São José do Rio Pardo.

A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS EUCLIDIANOS

Ficha de inscrição de associado

Nome: _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____ UF: _____
 CEP: _____ Tel.: (____) _____
 Data de nasc.: _____ R.G.: _____
 Profissão: _____ Participou da SE (____)S N(____)
 Ano(s): _____ Função: _____
 Assinatura: _____

Foto

(Mande foto extra se desejar que lhe seja enviada a Carteirinha d'A Associação. Remeta tudo à nossa Central de Informações)

Expediente

Central de Informações d'A AEE: Rua Antonio Abdo, 99, V. das Mercês, CEP 04164-060, São Paulo, SP, tel.: (011) 946-5573. O Berrante - Editor ih-responsável: Marcelo Lopes. Editora ad-junta: Andréa Pasquini. Diretoria d'A AEE - Presidente: André (São Paulo), 1º-2º-3º vice-presidente: Humberto (São Paulo/Franca), Secretário Geral: Mário (Botucatu), Secretária Adjunta: Raquel (São Paulo/São José do Rio Pardo), 1º tesoureiro: Newton (Brasília), 2º tesoureiro: Newber (São Paulo/Botucatu), Diretores: Marcelo (São Paulo), Danilo (Franca), Rildo (São Paulo), Elvis (Brasília). Números atrasados e correspondência em geral: contatar a Central de Informações. Cartas e artigos enviados para publicação poderão ser editados em função do espaço disponível. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Tiragem: 200 exemplares.